

Analistas esperam recuperação

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON - Um ano atrás, em meio a um ataque contra o real, membros da equipe econômica percorriam a ponte-aérea entre Brasília e Washington para se reunir com o Fundo Monetário International em busca de uma solução para a crise que se armava e para renegociar as metas de um acordo assinado meses antes. Previa-se um desastre: a inflação explodiria, e o país teria uma recessão de 4% ou mais. Ontem, aniversário de um ano da decisão do governo de deixar a moeda flutuar, alguns dos mesmos analistas vieram a Washington, muito mais otimistas. Que diferença um ano faz.

Em uma conferência promovida pelo Inter-American Dialogue, a analista para América Latina do Chase Manhattan Bank Joyce Chang disse que este ano o Produto Interno Bruto do Brasil crescerá 3,9%, mais do que a média para toda a América Latina, que, segundo sua previsão, será de 3,8%. Albert Fishlow, o brasilianista que hoje opera como consultor econômico para a firma de assessoria financeira Violy, Byorum & Partners, disse que não se surpreenderia se o crescimento fosse de até 5% do PIB. Edmar Bacha, do banco BBA Securities, disse que prevê crescimento de 3%, inflação de 7%, superávit comercial de US\$ 4,5 bilhões e um déficit em conta corrente de US\$ 25 bilhões, completamente financiável pelo investimento estrangeiro direto que o Brasil deve receber em 2000.

Chang disse que a principal razão pela mudança nos rumos da economia brasileira durante o último ano se chama Armínio Fraga. "É difícil distinguir quanto nós gostamos do Brasil do quanto gostamos de Armínio Fraga", disse a analista. Segundo ela, sua indicação para a presidência do Banco Central foi o ponto-chave da virada do Brasil, em termos de recuperação da confiança.

Os principais riscos para o Brasil são externos: a economia dos EUA, que precisa desacelerar seu crescimento este ano sem entrar em recessão, e a economia da argentina, que pode implodir.

Segundo Fishlow, o Brasil se saiu tão melhor do que muitos esperavam por uma razão: a economia já não havia crescido em 1998, e portanto a correção estava mais adiantada do que se poderia imaginar na época da desvalorização.